

## **Os profissionais de saúde na pandemia da COVID-19. Estudo de caso dos ecos de quem cuida na utilização do Instagram da Rede Piauí Sem Covid<sup>1</sup>**

**Orlando Maurício de Carvalho Berti<sup>2</sup>**  
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)

### **Resumo**

Este artigo trata sobre as relações de trabalho midiaticizadas virtualmente pela Rede Piauí Sem Covid no Instagram (@piauisemcovid) destacando quais os ecos foram vivenciados durante dois anos e meio de pandemia da Covid-19. Analisa-se, por meio de estudo de caso, sobre questões de negacionismos, agressões, desvalorizações e também elogios e reconhecimento sobre quem está na linha de frente do combate a essa doença. Mostra-se que os ecos são importantes, principalmente no sentido de valorização laboral e pecuniária das pessoas que estão à frente na rede do cuidar, seja ela em instituições hospitalares ou nos locais de vacinação e que o trabalho feito por esses profissionais foi e é essencialíssimo no processo de combate e superação da pandemia.

**Palavras-chave: Comunicação; trabalho; COVID-19; linha de frente; Instagram.**

### **Introdução**

Passados praticamente dois anos e meio do aparecimento dos primeiros casos da pandemia da COVID-19 no Brasil, muito ainda é especulado, debatido e refletido sobre como essa doença mudou e muda os diversos parâmetros sociais. Um dos mais transformados é o das relações de trabalho.

Tenta-se voltar a um normal, praticamente impossível, sobre o que foi vivenciado desde o início de 2020 por quase todos os habitantes do planeta. De uma maneira, mais profunda, ou nem tanto, a pandemia nos atingiu (e continua atingindo), inclusive nas próprias maneiras de vermos e sermos vistos, de sentir e sermos sentidos e também de provas e de contraprovas sobre o nosso vivenciar a empatia, a equidade, o respeito e o amor ao próximo, seja em nossas residências, em nossas comunidades, em nossas cidades, em nossos estados, em nossos países e, principalmente, em nossos labores. As relações comunicacionais interpessoais e grupais nunca foram tão transformadas, ao menos nessa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor, pesquisador e extensionista do curso de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus Poeta Torquato Neto – Teresina – PI – e campus Professor Barros Araújo – Picos – PI). Jornalista. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UEMESP – Universidade Metodista de São Paulo, com estágio doutoral na Universidad de Málaga, Espanha. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Tem pesquisado fenômenos comunicacionais sobre COVID-19, tecnologias sociais, consequências do trabalho e novas mediações informacionais. E-mail: [berti@uespi.br](mailto:berti@uespi.br)

---

Era Contemporânea, como o que foi modificado pelos efeitos da pandemia surgida no final de 2019 na Ásia e que ganhou contornos mundializantes a partir dos primeiros meses de 2020. Até o término deste trabalho, no fim do primeiro semestre de 2022, a pandemia continuava fazendo vítimas, muitas delas fatais, e era certo estar em uma quarta onda de contaminações.

Este artigo nasce da inquietação acadêmica, social e pessoal (em ter amigas, amigos, parentes, conhecidas e conhecidos), bem como tentar cumprir o papel socializante de reflexões sobre o nosso redor e em nossas relações laborais. Refletir e agir foram postos à prova, inclusive tentando abrir diálogos com as pessoas que negam a ciência. Procura-se pesquisar e vivenciar nas instituições de ensino superior um contraponto aos negacionismos. Um segundo foco, já ligado a grupos sociais, no caso, os laborais, é tratar sobre os profissionais de saúde, as pessoas que, além de passar os problemas da pandemia com parentada, círculos pessoais e profissionais, também, laboralmente (de uma maneira cumulativa) encarou e agiu (e ainda age) contra a pandemia.

Trata-se sobre como foi midiaticizado na Rede Piauí Sem Covid no Instagram (@piauisemcovid), os negacionismos e agressões às e aos profissionais de saúde que estiveram (e muitos ainda estão) na linha de frente de combate a essa doença. É trazido um estudo de caso sobre as ocorrências de negacionismos e do registro e reflexões de agressões a quem estava na linha de frente da saúde foi midiaticizada pela Rede Piauí Sem Covid. Chamamos esses atos de ecos.

Objetiva-se: refletir, destacar, analisar, mostrar e propor ideias sobre os fatos das agressões aos profissionais da linha de frente retratados no Instagram da Rede Piauí Sem Covid e como esses fatos foram midiaticizados por esse mecanismo virtual de solidariedade e esperança.

Problematiza-se a partir dessas ocorrências, suas consequências e desdobramentos em tempos de tanta necessidade de empatia e midiaticização de bons exemplos, principalmente de quem tanto dedicou-se e dedica-se à nossa saúde e ao cuidar das pessoas em tempos de tamanho caos sanitário.

Metodologicamente, os caminhos são trilhados a partir de um estudo de caso que mostra aferições e reflexões por meio de pesquisa netnográfica da rede virtual em questão no Instagram. São analisadas mais de 1.650 postagens da Rede Piauí Sem Covid no Instagram, socializadas entre maio de 2020 até julho de 2022, para chegar-se às reflexões

---

necessárias para o desvelar o problema da pesquisa e esclarecer os seus objetivos. Por mais polêmico que possa parecer, há uma nítida e nunca escondida, participação direta da pessoa que tem autoria neste artigo com o próprio trabalho da Rede. Essa interface é necessária e premente de esclarecimento para provar que o estar dentro e mostrar suas respectivas sensações e estratégias também caracterizam-se e fortalecem outras maneiras de sentir e agir, inclusive de encarar e vivenciar a Ciência no hoje e ter muito mais elementos, com a proximidade de um objeto vivo e uma causa conseqüente do mesmo em seu corpus em termos de pandemia da própria COVID-19, atingindo praticamente de maneira direta todas e todos que lerão estas linhas.

O estudo de caso garante a pluralidade de ideias e inserção junto ao objeto da pesquisa, bem como a exploração de suas riquezas de detalhes, como destacam em seus emblemáticos estudos: Alda Alves-Mazzoti (2006), Marli André (2008) e Robert Yin (2014). Os estudos netnográficos são balizados nos conceitos de Robert Kozinets (2014) ao destacar sobre a etnografia do estar, no caso, via redes, em sua alimentação, acompanhamento e mediações de fatos que possam ser provados e analisados para compreensão dos objetivos e esclarecimento da problemática.

O artigo é dividido em seis partes. A primeira é esta, de caráter introdutório. Do segundo ao quarto momento apresenta-se a parte contedística do material, refletindo-se sobre a pandemia e suas questões comunicacionais, como base teórica; depois fala-se sobre a Rede Piauí Sem Covid em si, como maneira de identificação do objeto da pesquisa e sua configuração e atuação no Instagram; depois parte-se para a análise em si, frisando-se sobre os casos encontrados na Rede do Instagram acerca dos vilipêndios e reflexões sobre o trabalho dos profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19. Na quinta parte são trazidas as considerações finais, complementadas, como sexta parte, com as referências.

### **Uma pandemia mais que midiaticizada e novas sociabilidades, positivas e não tão positivas, para a contemporaneidade**

É praticamente um lugar-comum afirmar sobre as movimentações e transformações midiáticas ocorridas depois do reconhecimento da COVID-19 como uma pandemia. Os processos comunicacionais, já refletidos (há décadas) por David Berlo (1999), entre a emissão, o meio e a recepção, muitas vezes em perspectivas verticalizadas, agora, nesta terceira década do século XXI, englobam questões mais horizontalizadas; ou

---

até processos cíclicos, em termos de importância dos sujeitos do processo em que nenhuma dessas três interfaces e suas respectivas diferencialidades, alteram a importância comunicacional em níveis de um ser mais hegemônico que o outro. Mas tamanha quantidade e pluralidade de informações realmente garantem uma sociedade mais ciente dos fatos, dos seus direitos e deveres? Haver tantos meios e uma cobertura constante e plural realmente garante que a informação chegue a todos os públicos? Entremedio a heterogeneidades culturais, políticas, sociais, econômicas, morais e de entendimento dos midiaticáveis (do que é transpassado nos processos comunicacionais), as mensagens conseguem chegar a todo mundo?

Essas reflexões já eram pensadas, entremedio a um planeta sem a COVID-19 e sem uma mundialização das mediações via Internet, por autores como: Armand Mattelart e Michèle Mattelart (1999), Mauro Wolf (2012) e Melvin DeFleur e Sandra Ball-Rokeach (1993), principalmente nas retratações sobre a importância das mediações, suas indústrias culturais e contrapontos a horizontalidade informacional.

Entre tudo o que vivemos sobre a pandemia, é inegável, mesmo ela ainda não tendo acabado, que houve transformações significativas nas maneiras de emitir, mediar e consumir os produtos comunicacionais. Cada vez mais somos *homo ludens*, um termo trazido ainda no século XX por Juan Luís Cebrian (1999), em que somos seres cada vez mais interligados em nossos fazeres e ações relacionados às práticas das mediações pelas redes informáticas. Manuel Castells (2017) já trazia o poder das redes em refletir, principalmente em um período antes da COVID-19, questões sociais e o quanto seus atores conectados poderiam a ajudar a transformar socialmente o planeta. Depois da profusão da pandemia, indaga-se sobre esses pontos realmente serem ou não concernentes?

É notório, principalmente no campo empírico, que as redes ajudaram a potencializar as mediações. Mas não podemos cair na ingenuidade de que mediar garante sempre ampliação de conceitos e maneiras de vivenciar o mundo. A pluralidade dos midiaticáveis instiga também a formação de guetos e o próprio isolamento dos seus membros, tornando um ambiente outrora plural, quase medieval em termos de significações e socializações.

A pandemia de COVID-19 nos desvelou, comunicacionalmente, como seres de midiaticação de fatos e atos e, paradoxalmente, nunca foi tão evidente a profusão de notícias falsas, a necessidade de checagem e até o questionamento sobre quem checa os

checadores. Se antes, principalmente na segunda metade do século XX, havia uma luta para que tivéssemos espaços de fala, nesta era pandêmica, a luta é para sermos ouvidos e permanecermos em escuta; para não ficarmos só na questão da fala individual ou na sensação de fala e escuta ou ainda, pior, na efemeridade (muitas vezes de segundos ou microssegundos) sobre o que é midiaticizado. Estes mesmos reflexos, sobressaem sobre o sistema de saúde, como destacam Jociane Bongiorno *et al* (2022), no sentido de que a pandemia e o isolamento social provocaram mudança na estruturação dos serviços de saúde, inclusive com a preparação dos profissionais de saúde para melhor atenção aos que precisarem desses serviços.

Mas o que foi feito e como foi realizado o combate a essa pandemia e as tentativas de midiaticização entremeio a tantos desafios? Apresenta-se a Rede Piauí Sem Covid e inicia-se na reflexão sobre o caso em si.

### **A Rede Piauí Sem Covid: um experimento acadêmico visando inicialmente profissionais de saúde. Era, e ainda é, necessário cuidar de quem tanto cuidou e cuida da gente**

Assim como praticamente todas as instituições públicas e privadas da sociedade, as universidades e respectivos centros, faculdades, institutos e seus componentes humanos foram atingidos em cheio pela pandemia. Suas maneiras de pensar e agir foram igualmente impactados. A antes agitação e pluralidade das unidades de ensino superior, em seu frenesi constante de tensionamentos, pesquisas, ações educacionais e extensionistas deram lugar para o vazio em suas estruturas físicas e a paralisação da constante e tradicional maneira de compartilhar ideias. As tradicionais aulas presenciais e laboratoriais foram paralisadas em um primeiro momento; em tempos posteriores foram migradas para a maneira assíncrona e remota, mediadas totalmente por dispositivos informáticos e virtuais. Até o fim do primeiro semestre de 2022, algumas instituições de ensino superior brasileiras ainda mantinham essa rotina, principalmente sobre as prevenções relacionadas a uma quarta onda da pandemia. Algumas outras chegaram a retomar totalmente suas atividades, mas tiveram interrupções por conta do surgimento de novos casos, principalmente pela caracterização, entre junho e julho de 2022, da quarta onda de casos no Brasil.

Se antes o fortalecimento dos momentos presenciais nas instituições de ensino superior era o cara a cara e o comunicar-se fisicamente, esse ato, pós decretação da

---

pandemia da COVID-19 (no primeiro trimestre de 2020) tornou-se mediado por computadores, tablets e, principalmente em pequenas telas dos telefones celulares. Um mundo de 360° possível por meio de um simples olhar foi trocado pelas experiências do acompanhar fatos e atos por meio de telas. Esse mundo fez parte quase que exclusivamente da vida universitária por quase dois anos consecutivos.

Enquanto isso, ainda nos primeiros meses de 2020, os números de infectados, e principalmente de mortos, cresciam e provavam que a pandemia não seria algo tão passageiro, de dias ou semanas, como inicialmente pensava-se. Praticamente todo mundo que não exercia uma atividade essencial, como supermercados, farmácias e instituições de saúde, teve de parar para tentar evitar o aumento dos contágios pela COVID. Exemplos de cidades europeias, que não respeitaram o *lockdown*, mostraram-se trágicas.

As aulas remotas, que seriam uma alternativa de semanas, passaram para ser mensais, semestrais e até anuais. Em muitas instituições faz praticamente dois anos que essa modalidade é a mais presente em termos de ensino, pesquisa e extensão para o antes ensino presencial. Até o término da escrita deste artigo, muitas instituições continuavam com essa modalidade como forma de prevenção de contaminação e pluralização de casos da pandemia.

As atividades de campo, tão presentes e prementes nas práticas do ensino de Comunicação foram desaconselhadas, desincentivadas e depois proibidas. E os números aumentavam, mais e mais, passando 2020, 2021 e iniciando 2022, com as respectivas variantes da COVID-19.

Foi nesse cenário e circunstâncias, ainda nas primeiras semanas de decreto da pandemia (em 2020), que nasceu a Rede Piauí Sem Covid, semanas depois do decreto pandêmico, a nível estadual (PIAUI, 2020) da doença, com a paralisação das atividades universitárias em território piauiense. Como o próprio nome destaca: como rede, procurava agregar pessoas dos mais diferentes motes e pensamentos abrangendo o estado do Piauí (e conseqüentemente seus 224 municípios e, segundo o IBGE (2022) seus 251.755,8 km<sup>2</sup> e população aproximada de 3.289.000 de habitantes) justamente para combater a pandemia de COVID-19.

A Rede surgiu como instrumento de ação e respostas a tudo que ocorria e era inicialmente vivido e sentido sobre a pandemia. Foi pensada pelos membros do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais (CNPQ, 2022) da UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Inicialmente a Rede Piauí

---

Sem Covid convergiu dois docentes e uma acadêmica. Os professores são pesquisadores e atuam nos cursos de Jornalismo dos campi de Picos (Sertão do estado, a 307 quilômetros da capital, Teresina) e no Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes (na capital).

Com todas as recomendações e impossibilidades de trabalho de campo físico optou-se pelo trabalho de campo virtual, inclusive com a netnografia pelo próprio desafio de estar dentro do experimento, mas sendo feito de maneira virtual devido as proibições de atividades de campo. Duas redes comunicacionais virtuais foram escolhidas: o Whatsapp como instrumento de recebimento e compartilhamento de conteúdo e o Instagram como instrumento de reverberação de ideias. Procurava-se com essas duas redes evocar os princípios de mediações elencados por Jesus Martín-Barbero (1999) em que as mediações são importantes para os próprios processos comunicacionais e suas consequências de chegar a diversos públicos.

Desde o início houve uma preocupação com a reflexão sobre as questões dos profissionais de saúde envolvidos no processo. Por motivos pessoais das primeiras pessoas que participaram da Rede, que tinham parentes em primeiro grau envolvidos nesses processos, bem como ter uma interface inicial de atuação. A tentativa de formação de uma rede informal, por meio de dispositivos virtuais, mostrou-se sem tanto sucesso, pois notava-se o nível de estafa de parte dos profissionais e, principalmente a falta de tempo de interações. Era necessário partir para um segundo nível de estratégia, tentar fazer que esses profissionais fossem reconhecidos pelo importante trabalho, afinal, quem cuida de quem cuida? Esse questionamento é feito em obra de Orlando Berti (2020) ao refletir sobre as redes de solidariedade e esperança de combate à COVID-19 também no Piauí.

Até julho de 2022, marco temporal do término deste artigo, a Rede contava com mais de 1.650 publicações, sendo que, ao menos 25% delas tratavam diretamente sobre o ser profissional de saúde, desafios, reconhecimentos e perspectivas, além da valorização dos profissionais, chamados em nossos estudos, de profissionais da linha de frente. Dessas, metade era de denúncias contra desrespeitos e busca de humanizações para quem estava na linha de frente do combate à pandemia.

O que tudo isso representou e como foi importante e representativo entremeio a uma outra pandemia, a de negacionismos e a outro tipo de isolamento, o da empatia?

---

**Analisando o ser profissional de saúde em tempos de negacionismo. O caso das agressões aos profissionais da linha de frente retratados no Instagram da Rede Piauí Sem Covid. Pontos, contrapontos, avanços e lições. O que esses ecos representam em termos de reflexões sobre as relações de trabalho?**

Em mais dois anos ininterruptos de interações quase que diárias, envolvendo quase 800 dias, chega-se à marca de alcance médio mensal, segundo o INSTAGRAM (2022) da Rede Piauí Sem Covid, em mais de 20.000 contas, com 50 publicações, 210 stories e 10 vídeos do Reels.

Nota-se que os números da Rede Piauí Sem Covid têm muito a mostrar e destacar. Qual a representatividade desse quantitativo para, principalmente, analisar o ser profissional de saúde em tempos de negacionismos? O que essa rede representa, principalmente na mediação de informações sobre valorização profissional dos que estão na linha de frente de combate à pandemia de COVID-19?

Os mesmos dados apontavam que até o segundo trimestre de 2022, marco temporal do término deste artigo, a rede era seguida por praticamente 4.400 perfis e seguia um número parecido. Pode-se depreender, ainda analisando os dados em questão e o período de atuação da Piauí Sem Covid, que durante os 26 meses analisados, foram mais de um milhão de contas atingidas, com mais de 1.650 publicações, chegando a picos de quase 50.000 visualizações por postagem e tendo reverberações, incluindo interações e outros momentos, com mais de mil postagens e quase 500 vídeos, entre transmissões, vídeos longos (antigo IGTV) e os Reels.

Entremeio a todas essas quantidades de postagens nota-se, principalmente em termos temporais que as agressões destacadas são midiaticizadas em menor ou maior espaço de tempo, principalmente porque em um primeiro momento, principalmente no primeiro semestre de 2020, a Rede prestou-se a tentar socializar postagens e pedidos sobre o reconhecimento aos profissionais que estavam na linha de frente. Era preciso acolher, instigar o reconhecimento e o respeito. Foi realizado um trabalho em mostrar o dia a dia desses profissionais nos 224 municípios do território piauiense, bem como recebendo vídeos e fotos das suas cotidianidades. Também houve uma busca e ênfase direta para áreas específicas em que elegia.

Já no segundo semestre de 2020, houve uma maior massificação em termos do respeito sobre as regras de convivência sociais sugeridas pela ciência e por institutos nacionais e internacionais que produziam conteúdos educativos. Pautas sobre



negacionismos e polêmicas acerca dessa temática foram também evidenciadas. Nota-se que o assunto “variantes” e também o acompanhamento sobre: o amar o próximo, questões de empatia e suas consequências, também foram destacados, notadamente com uma maneira de chamar atenção aos públicos. Nesse segundo semestre de 2020 a Rede Piauí Sem Covid já tinha sido consolidada em termos quantitativos. Mas a netnografia nos desafiava, principalmente, a tentar ir conquistando novos públicos, principalmente os mais infoconectados, dotados, em períodos tão virtuais, de fortes sociabilidades entre as redes sociais. Utilizava-se as técnicas do *gatekeeper*, tão destacadas por Mauro Wolf (2012) e Carlos Araújo *et al* (2015), no sentido da mediação privilegiada de determinados públicos para multiplicar para públicos secundários e terciários, justamente para a mensagem ter um poder, inclusive de reverberação entre públicos não tão conectados e desfamiliarizados com o Instagram. Essa estratégia mostrou-se exitosa, principalmente porque outros assuntos transversais começaram a ser pauta na Rede e ela também transpôs os públicos e questões apenas do território do Piauí, deixando de ser geograficamente piauiense, passando para o País e, mais ainda, dando certezas do poder de organicidade do próprio Instagram. Em tons secundários, durante esse período, também se continuava a evocar a importância do trabalho dos profissionais de saúde.

Nota-se que no ano de 2020 o ser profissional da linha de frente era um misto entre o heroísmo evocado pela mídia tradicional, quase toda ela modificada em suas rotinas produtivas e carente de pautas, inclusive com quadros diários sobre esses profissionais. Nota-se, inclusive, pela própria dinâmica da mídia que no dia a dia traz um resumo sobre o que está ocorrendo no país e no Mundo, que a temática reconhecimento aos profissionais de saúde voltou à normalidade após o ano de 2020, com raríssimas aparições de pautas nesse tipo de demanda.

Mesmo assim o tempo passava, a pandemia dava alguns sinais de diminuição de mortes e acometimentos no Brasil. Mas, uma cepa da doença, ocasionada por mutações e identificada e sentida pela primeira vez no estado brasileira do Amazonas, mudaria a história da pandemia no Brasil e, conseqüentemente a Rede Piauí Sem Covid. Mesmo Teresina (capital do Piauí) e Manaus (capital do Amazonas) distando mais de 3.500 quilômetros (praticamente a mesma distância de costa a costa dos Estados Unidos) o que ocorreu no Norte do País impactou o povo piauiense, seus profissionais e a Rede.

A partir do primeiro semestre de 2021 houve a explosão de casos no Amazonas com o envio de pacientes para várias partes do País. O Piauí, como um dos estados que

---

mais tinha conseguido controlar o número de mortos naquele início de primeiro ano de pandemia, houve a possibilidade de acolhimento dos pacientes amazonenses. Esse elo gerou uma forte comoção e interação com a população amazonense juntamente com os profissionais do Piauí e veículos e perfis de mídia nas redes sociais daquele estado com a Piauí Sem Covid. Essa improvável união, vivências coletivas e forte reconhecimento do trabalho dos profissionais piauienses, foi então a maior coletivização da midiatização dos trabalhos até então. A comoção levantou nas postagens não só da Rede, mas também de veículos da imprensa diária a importância do reconhecimento financeiro também ao trabalho dos profissionais. Afinal os elogios eram, e são necessários, mas também melhores condições de trabalho e salários dignos, principalmente para os profissionais de cargos da base (nível Médio) precisavam de maior agendamento midiático e tudo isso foi concretizado. Esse foi, até então, o período que mais humanizou-se, nas postagens da Rede, a importância humana e pecuniária dos profissionais de saúde.

Este semestre também foi marcado pela variante registrada em Manaus fazendo vítimas e tudo o que tinha sido visto, registrado, gerado caos, contaminados e mortes, parecida repetir-se, praticamente um ano depois. Foram novas agressões, novas semanas de caos, de incompreensões por parte de pacientes e parentes. Alguns fatos foram interessantes em termos do que foi postado na Piauí Sem Covid. Notou-se o vídeo gravado por paciente em frente a uma unidade de saúde no município maranhense de Caxias, a 65 quilômetros da capital do Piauí, falando da importância da população se cuidar, relatando da perda do pai e que poderia ter o número de profissionais que fosse, mas se a população não contribuísse, os números permaneceriam a continuar caóticos. Também nesse período houve o maior pico de acessos, até então na Rede graças ao recebimento de postagem da enfermeira Pollyena Silveira se resignando, no chão, ao lamentar a morte de um paciente, com suspeita de COVID-19 no Hospital do bairro Promorar, na zona Sul de Teresina. Essa imagem, veiculada inicialmente na Rede, circulou o Mundo e foi um dos pontos-altos do trabalho netnográfico, não só pelo respeito conseguido, mas também por ajudar in loco a criar a representatividade necessária para mostrar-se o que passavam os profissionais e mostrar que são humanos, tão humanos como qualquer outra pessoa.

Nesse mesmo primeiro semestre de 2021 houve a esperança em forma de gotas no combate à COVID-19. Eram aplicadas as primeiras doses e o reconhecimento aos profissionais de saúde foi realizado por meio da priorização desse público, afinal quem cuida tanto, merecia começar a ser cuidado.

Iniciava-se nesse período a maior onda de negacionismos e ataques, não só à Rede Piauí Sem Covid, mas também aos profissionais de saúde. Enquanto destacava-se sobre o poder dos imunizantes, tentando-se abstrair sobre questões políticas e ideológicas, aumentou-se o número de ataques às postagens, principalmente aquelas que evocavam a importância da imunização. Descrenças, desconfianças, dados e atos irracionais faziam parte do dia a dia. Optou-se, por parte da equipe da Rede a não retirar postagens com nenhuma crítica. As exceções eram quando as mesmas continham mentiras ou ataques direcionados, desproporcionais a uma defesa. Foram 20 postagens do tipo que receberam esse tratamento. Uma parte desses ataques também partiu por parte de pessoas insatisfeitas com as constantes críticas que eram feitas na Rede, principalmente em aglomerações clandestinas. Esse tipo de ato de denúncia era uma maneira de ajudar os profissionais de saúde a tentar conscientizar e desafogar, principalmente aos finais de semana e períodos de festa, o caos na procura de exames e internações, principalmente em UTIs.

No segundo semestre de 2021 e no primeiro semestre de 2022, evocou-se que o cuidar de quem cuida estava destacado na vacinação. Essa temática mostrou-se bem importante porque os depoimentos, as postagens e os materiais sobre os profissionais, ajudavam a instigar sobre a vacinação.

E no primeiro semestre de 2022 houveram estratégias para mostrar casos de agressões de emergências e centros de saúde que permaneciam lotados e como os profissionais passavam por problemas. Conseguiu-se muitas reflexões, inclusive com a atenção de órgãos representativos dos profissionais de saúde e de boa parte da população, criticante de situações sobre agressões e valorizadores do trabalho feito pelos profissionais.

Em termos do ser profissional de saúde em tempos de pandemia, notamos que a netnografia nos trouxe uma série de conhecimentos sobre as virtudes de estar-se na linha de frente, bem como, principalmente, os problemas e relatos não só sobre agressões, desrespeitos, mas de grandes desvalorizações profissionais.

Não foi, não está e, pelo visto, não continuará sendo fácil estar na linha de frente da saúde nos próximos meses e anos. Mesmo com uma diminuição de casos a partir do início do segundo trimestre de 2022, notamos, principalmente no que foi trazido na pesquisa netnográfica que os desrespeitos aos profissionais de saúde continuam. E com o aparecimento da quarta onda da pandemia, entre junho e julho, notou-se o retorno dos

---

desrespeitos. É fato que as instituições de saúde ficaram com uma demanda reprimida, notadamente pelos outros casos e também pela própria sobrecarga das equipes. Em muitos casos e lugares há uma ociosidade constante de vagas, além de um elevado número de profissionais em licença para tratamento de saúde.

Um único caso de desrespeito já é digno de nota ou de um artigo científico. Quando esses desrespeitos são ampliados, tornam-se constantes e quase regra, mostra-se que vivemos uma pandemia não só de COVID-19, mas da própria humanidade em poder olhar para o outro e voltar-se aos sentimentos cidadãos e de respeito mútuo.

Apesar deste não ser um tratado teológico, nem querer, de momento, ampliar seu escopo para esta área, mas é necessário balizar-se nos ensinamentos de algumas religiões em que devemos amar o próximo como a si mesmo, pondo-se em seu lugar e, principalmente, aventando os sentimentos e ações que levem a empatia, que ela não seja só discurso, apesar de ser a partir dos discursos e mediações, que começam as reflexões, mas que a grande constância das atitudes contra os profissionais de saúde não tornem-se uma constante e que os meios, alternativos ou hegemônicos, possam continuar refletindo essa importante temática, ampliando-a, formando e informando os públicos, principalmente os mais novos que surjam pós o período pandêmico, para que não possam repetir como seus antecessores tantos casos.

### **Considerações**

O que é mesmo ser profissional de saúde em tempos de negacionismo? Destaca-se que ao mostrar-se e refletir-se sobre o caso das agressões aos profissionais da linha de frente retratados no Instagram da Rede Piauí Sem Covid que a própria pandemia nos trouxe outras sequelas além das latentes e patentes sobre a doença em si. Confrontou-se nossas capacidades de empatia, de vermos o próximo e nos colocarmos no lugar do próximo.

A quantidade de postagens relatadas sobre agressões e desrespeito, que foram uma micro parte de um todo e, infelizmente, de muito mais outras agressões e desrespeito, midiáticas, ou não, nos trazem lições de que os mecanismos comunicacionais, principalmente os virtuais, nos trazem desafios de muito mais serem instrumentos de postagens de imagens (estáticas e dinâmicas) do cotidiano, principalmente no caso do Instagram, para também tornarem-se mecanismos de socialização de informações e cidadania.

---

Entremeio a tudo isso evoca-se que o respeito faz parte da própria mediação de atos e fatos, tão prementes não só nos processos comunicacionais, mas nas próprias regras sociais de convivência.

Rogamos, após todos esses escritos, reflexões e ecos destacados neste artigo, não por processos comunicacionais conflituosos, mas que as mediações possam ser instrumentos de acolhimento, de debates e de respeito, sentimentos tão necessários depois dos dois anos de pandemia de COVID-19. Esses termos podem até ser utópicos, mas se tivermos a oportunidade de mudar um pensamento sequer, assim como foi evocado no trabalho da Rede Piauí Sem Covid, todos os esforços terão valido a pena, inclusive para a ressignificação, reflexão, releitura do aqui trazido e destacado. Assim tentamos fazer Ciências Sociais Aplicadas e combatemos os negacionismos, tão prementes e presentes nessa epidemia de hiper-informação desinformatizante.

Que todas e todos que padeceram por esta doença, inclusive com a vida, possam nunca cair no esquecimento e que tudo o que aconteceu possa nos trazer uma maior valorização sobre a vida e a importância do estar presente para contribuir, para agregar e para agir com ética, nunca o contrário!

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. São Paulo: Revista Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, 2006, pp. 637-651.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e Avaliação Educacional**. Campinas: Editores Associados, 2008.

ARAÚJO, Carlos Alberto; BERGER, Christa; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; FERREIRA, Giovandro Marcus; MACHADO, Irene; SILVA, Juremir Machado da; RÜDIGER, Francisco. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

BERLO, David Kenneth. **O processo da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Quem cuida de quem cuida? O Instagram e a rede de solidariedade e informação no combate à COVID-19 no Piauí**. Teresina: EdUESPI, 2020.

BONGIORNO, Jociane; FRONZA, Dilson; FRONZA, Lisete; PERETTI, Amanda. **Avaliação do efeito da pandemia de coronavírus na demanda de encaminhamentos aos serviços públicos de neurologia e neurocirurgia**. Rio de Janeiro: Jornal Brasileiro de Neurocirurgia, n. 33, v. 1, 2022, pp. 40-50.

---

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da Internet. São Paulo: Zahar, 2017.

CEBRIÁN, Juan Luis. **A rede**. Como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

CNPQ – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Diretório dos Grupos de Pesquisa – Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI**. Disponível em: <[dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3973315348176248](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3973315348176248)>. Acesso em: 16.abr.2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados estatísticos sobre o estado do Piauí**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi.html>>. Acesso em: 19.abr.2022.

INSTAGRAM. **Rede Piauí Sem Covid**. Disponível em: <[www.instagram.com/piuisemcovid](http://www.instagram.com/piuisemcovid)>. Acesso em: 15.abr.2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa netnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PIAUI. **Decreto 18.884, de 16 de março de 2020** – Regulamenta a lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020, para dispor no âmbito do Estado do Piauí, sobre as medidas de emergência de saúde pública de importância internacional e tendo em vista a classificação da situação mundial do novo coronavírus como pandemia, institui o Comitê de Gestão de Crise, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.pi.gov.br/decretos-estaduais-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 21.jun.2022.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2014.